

Emprego antes que seja tarde

CORREIO BRAZILIENSE

14 JUN 1998

Grupo mais atingido pelo desemprego no DF, jovens entre 18 e 24 entram cada vez mais cedo no mercado para garantir um salário

Marcelo Abreu e
Márcio Vieira
Da equipe do Correio

O mercado, cada vez mais escasso, exige também gente cada vez mais especializada. Ganha quem sabe mais, quem domina mais, quem está mais bem preparado. Os jovens sabem disso. Mais: sabem a dureza de competir por uma vaga. Antes, empregos bons, eram aqueles em que os concursos públicos ditavam as normas. Qual a mãe que não sonhou com um filho bancário? Talvez engenheiro ou médico? Era sinônimo de segurança e aposentadoria sólida. Bons tempos. Hoje, os pais já agradecem apenas pelo fato de os filhos estarem empregados. Seja no que for.

Segundo a última pesquisa da Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), o desemprego atingiu ainda mais os jovens com idade variando entre 18 e 24 anos. O número de desempregados nessa faixa etária aumentou de 59,1% para 67,1% comparando abril do ano passado com o mesmo período deste ano.

Na luta contra desemprego — e para ter uma vida independente —

os jovens estão enfrentando o mercado cada vez mais cedo. Às vezes até contra a vontade dos pais, esperançosos de que os filhos se formem em alguma faculdade antes de trabalhar. Mas os filhos insistem em romper normas. Preparam-se, estudam línguas e ficam atentos a todas as novidades. Curso superior já não é mais garantia de bom emprego para ninguém.

SOBREVIVÊNCIA

Que o diga a historiadora Cleonice Maria de Almeida, 30 anos. Com diploma na mão, ela fez de tudo para não ficar desempregada. Deu aulas em regime de contrato temporário na Fundação Educacional, trabalhou em Telemarketing, já ganhou a vida como secretária, foi professora particular. Um dia, ficou desempregada. “Foram dois anos. Só sobrevivi porque vivo com minha família”, conta a moça que mora na 312 Norte.

Nesse período, Cleonice estudou para concursos. “Fiz quase todos que apareceram”. No final, sempre o mesmo resultado. Muita gente para pouca vaga. Cansada, resolveu dar um basta nos concursos: “Avaliei que essa não era a única forma de ter um bom salário nem que só seria fe-

liz com um emprego público”.

Não pensou duas vezes quando aceitou ser *maitre* de uma casa recém-inaugurada na cidade, o Vecchia Bar, no Centro Empresarial Varig. Não revela o salário, mas garante ganhar mais do que se estivesse dando aula. E justifica a nova profissão: “Brasília ainda é retrógrada em relação a serviços. Aqui, garçom é sinônimo de subemprego, de gente desqualificada. As casas não investem na qualidade do atendimento”.

POLIGLOTA

Aos 18 anos, o estudante Rodrigo Godoy Leite não quis mais depender da mesada dos pais. Arrumou um emprego como garçom no Vecchia Bar. No terceiro ano do 2º grau, ele estuda à noite e trabalha das 9h às 17h.

Filho único e poliglota, Rodrigo fala inglês, espanhol e italiano. O emprego, a princípio, foi contra a vontade do pai. “Ele achava que eu só deveria estudar”, revela. O rapaz bateu pé. “Eu gosto de trabalhar, de ser independente”, justifica. Ganha R\$ 400, mora com a família na Asa Norte e tem o privilégio de não desembolsar um tostão em casa. Em função disso, já faz

planos: “Até o fim do ano, vou comprar uma moto”.

Colega de Rodrigo no Vecchia Bar, a garçonete Adriana Teixeira da Silva, de 24 anos, sabe como é duro enfrentar o mercado. “Meu pai é advogado e eu era secretária dele”, conta. Um dia, a estudante resolveu sair e procurar outro emprego. Queria ser realmente independente e cortar os laços familiares.

“Foi a pior fase da minha vida.

Quase enlouqueci. Fiquei desempregada oito meses. Levei currículos a vários lugares, recortava anúncios de jornal, fiz tudo. Até consegui, mas eles sempre exigiam muito para pouquíssimo salário. Não compensava sair de casa por tão pouco”, lembra Adriana.

Também com fluência em inglês, foi aceita na nova casa. Trabalha das 11h às 15h e das 18h a 1h. “Aqui vem muito executivo estrangeiro, e temos que falar inglês”, conta. Há um mês empregada, a estudante tem planos de alugar uma quitinete e sair da casa da mãe, com quem mora, na 104 Sul. “Estou ganhando legal e já posso pensar nisso agora.” Vergonha de ser garçonete? “Nunca. Aqui, a casa, o atendimento e o

público são diferenciados.”

Patrícia Bonfim é outro exemplo de quem resolveu encarar o mercado para espantar o desemprego. Ela abriu mão do conforto da casa do pais no Guará e com 21 anos já tem condições de morar sozinha. “Podia ficar muito bem na casa dos meus pais, mas resolvi ter o meu próprio dinheiro”, conta a funcionária da Zoomp no Alameda Shopping.

“Eu trabalho desde 16 anos”, garante Patrícia, que já trabalhou em bancos e corretoras de seguro. Dos R\$ 1.000 que ganha por mês, em média, na loja, R\$ 280 são destinados para pagar o aluguel do apartamento de um quarto que ela aluga no centro do Guará. “A casa dos meus pais tem quatro quartos e conta com todos os aparelhos modernos que existem”, compara a morena, observando que não se arrepende de ter saído do colo da mãe. “Mas em almoço lá todos os dias”, confessa.

O colega de Patrícia, Fábio Almeida, 20 anos, também começou a trabalhar cedo. Apesar de ainda morar na casa dos pais, ele garante que só partiu para o mercado de trabalho para ter o próprio dinheiro. “Tinha 18 anos quando consegui meu primeiro emprego, de auxiliar de escritório”, lembra.

Dividindo a casa dos avós com mais oito pessoas, onde apenas três trabalham, ele mostra a satisfação de ganhar o próprio dinheiro. “Fui procurar emprego para ter o meu próprio dinheiro. Não queria ficar dependendo da grana dos meus pais”, diz.

NÃO HÁ VAGAS

Segundo a pesquisa
da Codeplan, o
desemprego atingiu

67,1%

dos trabalhadores entre
18 e 24 anos em abril deste ano